



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE SEGURIDADE SOCIAL E FAMÍLIA

REQUERIMENTO Nº DE 2021.

(Da Sra. BENEDITA DA SILVA)

Requer a realização de audiência pública para debater os impactos da Covid-19 na comunidade negra, com destaque para a vida das Mulheres.

Senhor Presidente,

Requeiro a V. Exa., nos termos do Artigo 24, inciso III c/c com o Artigo 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, ouvido o Plenário desta Comissão, a realização de Audiência Pública, com o objetivo de debater: os impactos da Covid-19 na comunidade negra, com destaque para a vida das Mulheres, articulando a análise em relação às políticas nacionais de saúde e de assistência sociais.

Indicamos a oitiva dos seguintes convidados:

- Sra. RENATA FERREIRA, Assistente Social, Mestre em Gestão e Políticas Públicas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Foi Diretora Nacional de Proteção Social Básica do Ministério da Cidadania e Conselheira Nacional de Assistência Social.
- Sra. UBIRACI MATILDES: Graduada em administração; Gestora estadual da política de equidade do estado da Bahia; Coordenadora do comitê técnico estadual de saúde da população negra, e do programa de combate ao racismo institucional na secretaria estadual de saúde da BA;
- Sra LUIZA BATISTA PEREIRA: Presidenta da FENATRAD (Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas), e;





CÂMARA DOS DEPUTADOS

- Sra. GIVÂNIA MARIA DA SILVA, professora e pesquisadora quilombola, membro associada à ABPN, co-fundadora da Coordenação nacional das comunidades negras rurais quilombolas – CONAQ.

JUSTIFICAÇÃO

O Brasil está enfrentando atualmente a pior fase da pandemia de coronavírus. Já são 350 mil vidas perdidas e a média móvel de mortes está sendo mantida em patamares ainda superiores à média acumulada do ano de 2020.

O dramático cenário de crise sanitária que o país enfrenta atinge a sociedade inteira e as instituições públicas e privadas, no entanto, as marcas severas da desigualdade mostram que os efeitos da pandemia e da doença covid-19 vem afetando de forma ainda mais intensa a comunidade negra do país e, ainda mais diretamente, as mulheres negras.

Diversas/os especialistas do país alertam para a necessidade de adoção de medidas restritivas urgentes por parte dos entes federativos, a fim de minimizar a disseminação do vírus, uma vez que o país não dispõe de vacinas suficientes para a imunização em massa da população. Porém, em todo o território nacional vê-se que o espalhamento do vírus tem atingido a parcela da população em piores condições de habitação, saneamento básico, com menor renda e as pessoas que utilizam transportes públicos ou se arriscam em atividades em busca de renda para sobrevivência. Portanto, as medidas restritivas tornaram-se inviáveis ou de difícil execução à parcela mais atingida pelas desigualdades e, no Brasil que ainda carrega as marcas do racismo e da escravidão, tem a maioria na comunidade negra.

Altair Lira, professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA (IHAC/UFBA) e integrante do Grupo Temático Racismo e Saúde (GT Racismo/Abrasco), aponta que o racismo estrutural dificulta a vida de negros e negras e não seria diferente durante a pandemia: “Estamos falando de um grupo que carrega dificuldades estruturais no seu viver, provocada por um racismo estrutural e estruturante, que começa desde a informação que chega a essa população até o acesso a





CÂMARA DOS DEPUTADOS

exames para detecção do vírus, principalmente no que chamamos de casos suspeitos, se as desigualdades sociais já são relevantes para o agravamento de outras doenças, no caso da Covid-19, o cenário não é diferente”

O conjunto de diferentes estudos por grupos, organizações sociais e institutos de pesquisas evidenciam que, ao longo dos avanços da covid-19, os impactos desastrosos e galopante expõem padrões da desigualdade que atinge as mulheres e vem afetando as mulheres negras, mais que qualquer outro grupo social. É fato que o abandono e a invisibilidade da população negra em relação às políticas de Estado vulnerabiliza negras e negros, reforça a sobrecarga no trabalho doméstico, exposição à violência, dificuldades econômicas, fragilidade na moradia, acesso a água tratada, saneamento básico, racismo estrutural e institucional.

Em dados de pesquisas como a realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em conjunto com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) na cidade de Porto Alegre/RS no ano de 2016, observa-se a predominância de pessoas negras no universo da população em situação de rua, com um total de 36,9% que se autodeclararam pretos (24,5%) e pardos (12,4%), em contraponto ao número de autodeclarados brancos 34,3%. Em cidades como Maringá/PR, pesquisas apontam uma predominância de homens negros vivendo nas ruas. O mesmo se encontra na cidade de São Paulo/SP, onde é estimado que 70% da população em situação de rua é negra.

Com a pandemia, houve piora na situação social das mulheres negras, desproporcionalmente afetadas pelo isolamento, pela falta de renda e pelo acúmulo de demandas. Também ficou mais evidente e comprovado que as mulheres sofrem mais com as duplas e triplas jornada, pesando mais nas relações de trabalho.

Pesquisa da FGV, aponta que mulheres negras na linha de frente dos profissionais de saúde, maioria técnicas de enfermagem ou agentes comunitárias de saúde, estão mais expostas ao risco do contágio, recebem menos treinamento, orientação e equipamento de proteção¹.

Outro problema grave que o racismo nos impõe é a subnotificação dos dados da pandemia, principalmente a fragilidade dos registros de raça, cor, etnia, nos

1 <http://www.generonumero.media/retrospectiva-2020/> e <https://portal.fiocruz.br/noticia/boletim-bibliocovid-aborda-os-impactos-da-covid-19-na-populacao-negra>





CÂMARA DOS DEPUTADOS

Apresentação: 13/04/2021 11:05 - CSSF

REQ n.106/2021

relatórios e informações em saúde. Os dados, no entanto, são ainda muito incipientes e subnotificados em relação à raça/cor/etnia. Somente em abril, o Ministério da Saúde inseriu o recorte de raça/cor na análise da pandemia, em abril. Ainda assim, os dados que têm sido divulgados não têm qualidade que permita a realização de análises robustas para entender profundamente as iniquidades raciais em saúde. A inconsistência dos dados dificulta nas implementações e direcionamento das políticas de saúde, assistência para a população negra.

Precisamos urgente ter um olhar diferenciado para essa população. Importante lançarmos mão dos dados dos institutos que estão apontando os números absurdos relacionados: informações divulgadas pelo IBGE no mês de agosto de 2020, trouxe o recorte de cor/raça demonstrando que o desemprego entre pretos é 71% maior do que entre brancos. Já entre os pardos é 48% maior do que entre as pessoas brancas. Além disso, dados ainda apontaram que a maioria dos desempregados é jovem, negro e tinha feito o ensino médio incompleto ou integralmente.

Especificamente sobre a covid-19, homens negros são os que mais morrem pela covid-19 no país: são 250 óbitos pela doença a cada 100 mil habitantes. Entre os brancos, são 157 mortes a cada 100 mil. Os dados são do levantamento da ONG Instituto Polis, que analisou casos da cidade de São Paulo entre 01 de março e 31 de julho. Entre as mulheres, as que têm a pele preta também morreram mais: foram a 140 mortes por 100 mil habitantes, contra 85 por 100 mil entre as brancas. Outro levantamento, desta vez pelo IBGE, mostrou que mulheres, negros e pobres são os mais afetados pela doença. A cada dez pessoas que relatam mais de um sintoma da covid-19, sete são pretas ou pardas. Esse padrão se explica por desigualdades sociais e pelo preconceito.²

Além das diferenças socioeconômicas, fatores biológicos também podem ser apontados. Análise de dados realizada por cientistas do King's College de Londres concluiu que, quando são infectadas pelo novo coronavírus, pessoas negras têm risco três vezes maior de serem internadas, em comparação a brancos. Segundo o estudo, o

² <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>



* C D 2 1 3 4 1 5 2 8 1 2 0 0 *



CÂMARA DOS DEPUTADOS

risco de pacientes negros permanece maior mesmo após o ajuste de condições socioeconômicas e de acesso a serviços de saúde.

Ante o exposto, essencial trazer à esta Comissão especialistas e ativistas da comunidade negra que estão acumulando análises sobre os impactos da pandemia, pelo que contamos com o apoio dos nobres pares para a aprovação do presente requerimento.

Sala das Comissões, 13 de abril de 2021.

BENEDITA DA SILVA

Deputada Federal

